



SR.ª D. ILDA PEREIRA DA SILVA—Distinta violinista

N.º 330 Lisboa, 17 de Junho de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 48800 — Semestre, 25400 — Trimestre, 13200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43



# A alimentação das crianças

Apezar do grande numero de preparados que hoje em dia se apresentam no mercado para alimentação das crianças, está absolutamente provado por inumeras experiencias feitas pelos mais notaveis sabios de todo o mundo, que somente o

## LEITE MATERNO

quando puro e são permite fazer a verdadeira alimentação racional da criança

O cuidado de todas as Mães deve ser, por isso, não administrar às crianças taes preparados, mas sim aumental-as com leite rico, puro e são, que todas poderão possuir por meio de um tratamento racional com a

## Somatose liquida

Com efeito, esta preparação, que é a *única que tem por base as albumoses da carne*, e que tem sido cognominada pelos medicos como o *galactogeneo ideal*, tomada desde algumas semanas antes do parto, fortifica notavelmente o organismo, e aumenta a secreção lactea, o que permite que todas as Mães possam satisfazer o seu maior anelo: *amamentarem elas proprias os seus filhos.*

Não esqueçam pois as Mães, que só empregando a preciosa

## SOMATOSE LIQUIDA

conseguirão, ao mesmo tempo que tonificam o organismo enraquecido, ter em abundancia leite puro, rico e são.



À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS



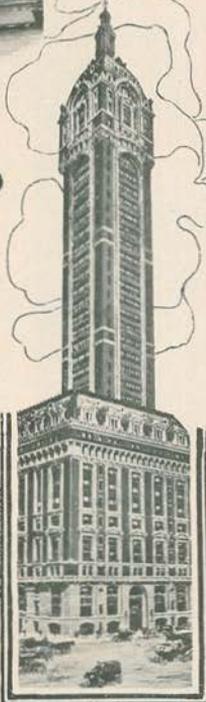
# A VIAGEM DO «REPUBLICA»

Um dos officiaes do «Republica» descreveu-nos assim a viagem do cruzador:

«Não foi das viagens menos interessantes a que fez o cruzador «Republica» ultimamente ás Americas. Comquanto não fôsse uma viagem bastante anunciada, estava determinado havia bastante tempo que o nosso governo se faria representar na inauguração da grande ponte que em 2 de janeiro deveria abrir o transitio entre Key West e Florida.

Saiu o navio em 25 de Novembro para Tenerife, onde pouco se demorou, fez má viagem porque até lá sempre o mar massou todos, portando-se o navio bem a despeito do balanço que dava.

De Tenerife dirigiu-se a S. Vicente de Cabo Verde; uns dias aí de balçoio para meter carvão mais uns para receber novas ordens e seguiu ao Pará. Ai começou o entusiasmo dos que viajam por abraçarem os que os recebem, tanto mais quando estes são patricios como succedia ali. Obsequios houve e festas para nós e tudo disfrutamos á pressa porque deviamos estar a



1—Cruzador «Republica» no caes de New-York. 2—As instalações do metropolitano em New-York. 3—As instalações Singer  
 4—Os officiaes do «Republica»: No 1.º plano da esquerda para a direita, 2.º tenente Mesquita, 2.º tenente Sebastião Costa, 1.º tenente Brito Abreu, 1.º tenente-medico Pinto Novaes, comandante Camara Leme, immediato Ferreira Lima, 1.º tenente-maquinhista Rosa, 2.º tenente-maquinhista Santos e Silva, commissario Teixeira—No 2.º plano: aspirante Pessoa, guarda-marinha Oliveira, aspirante Serra, guarda-marinha Rato, 2.º tenente Alves de Souza, guarda-marinha Pires da Rocha, 2.º tenente Souza Menezes, aspirante Baeta Neves, aspirante Bastos



2 em Key West. D'aí fomos a Trindade onde a mesma atmosfera festiva nos aguardava, apesar de só nos esperarem no dia seguinte por engano do nosso Consul. A colonia não é pequena, como no Pará mas tudo foi á pressa; no entanto nunca esqueceremos o lindo passeio que nos foi oferecido na companhia de bons patriotas a Boule Bassin. De fugida chegámos a Key West, deixando ao longe Havana que tanta agua na boca fez a todos e enterramo-nos ali por 26 dias. As festas, a inauguração da famosa ponte, tinha ficado para o dia 22.

Realisaram-se algumas solenidades em terra, um passeio n'uma canhoneira americana, que retribuímos com um chá a bordo, e deixámos Key West, por New-York pois o nosso ministro tinha feito diligencias para que o navio lá fôsse. Foi grande o entusiasmo de todos por ver essa bela cida-



1—Um trecho de New York. 2 e 3—Um passeio aos arrabaldes 4—Williamsburg em New-York



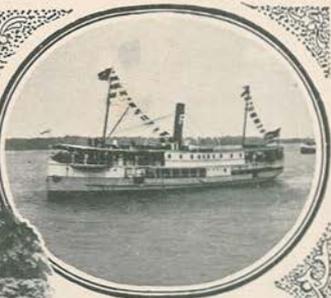
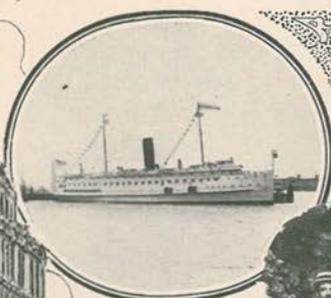
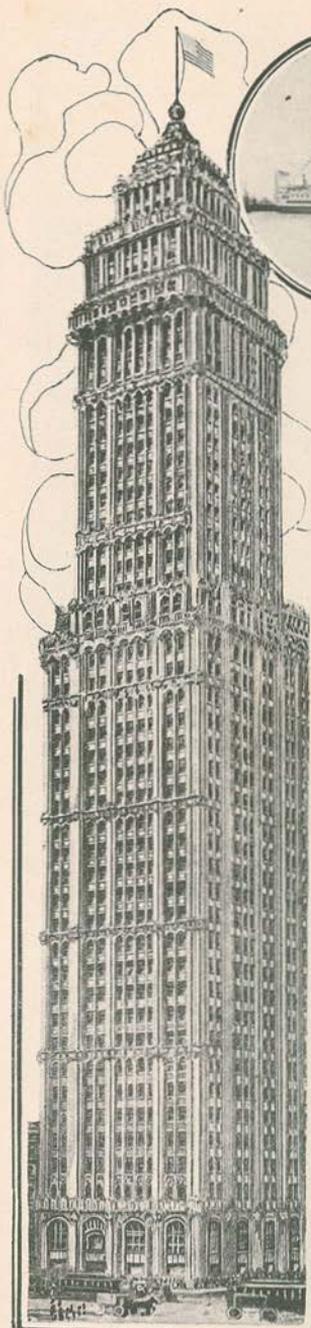
A guarnição do «Republica» em New-York: n'um dia de 13 graus abaixo de zero



de. D'ali deixados os Skescrapers; (e edificios de 45 e mais andares), os elenatids, subways, e a Brooking Bridge, fômos a Boston chamados pela colonia portugueza



1—Depois d'uma festa a bordo do Republica: Senhoras portuguezas em Boston. 2—As sr.<sup>as</sup> D. Maria Goulart e D. Laura Sousa. 3—O sr. Santos Silva, oficial do Republica, com a menina Alice Goulart. 4—O estado-menor do navio



a delicias do nosso consul.

O frio aí fez-nos horrorisar a nós que o sentiamos e aos que viam que o sofriamos, 20

1—Os vapores que foram ao encontro do *Republica*. 2—Instalação Woolworth em New York

graus centígrados abaixo de zéro não está nos nossos costumes! Volta pelo Sul (Brazil) sofren-



3—O estado-maior do navio e os aspirantes da marinha

do mais demora e altas temperaturas que depois de 20.º abaixo de zero, eram insuportáveis. A viagem foi boa. Uma bonita travessia para as dimensões do «Republica».

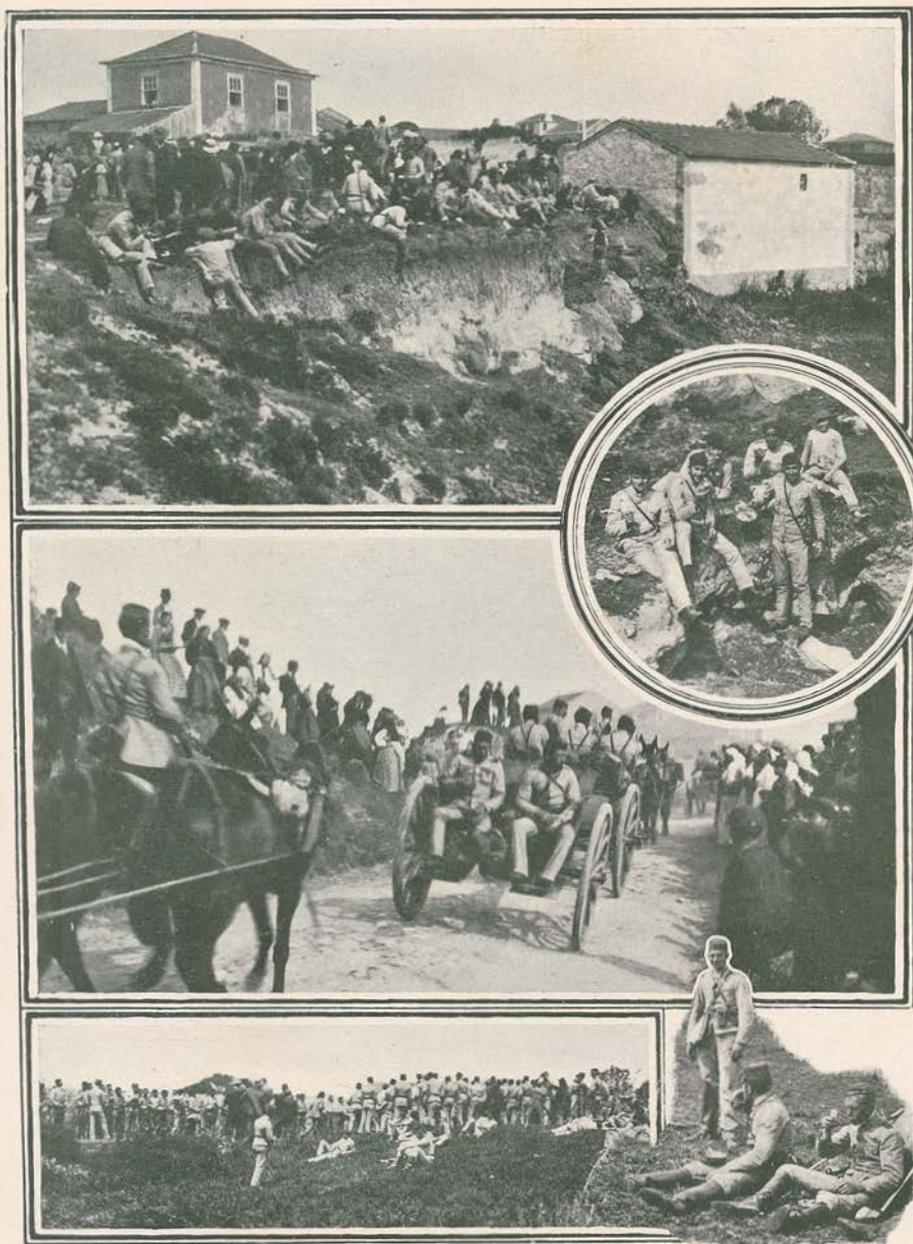
Na Horta, estivemos uns dias e dirigimo-nos a Brest, e d'aí ao Havre.

No Havre demos a bordo um almoço ao nosso ministro João Chagas e sua esposa que ali foram de propósito, a que assistiram convidados e varias autoridades do porto.

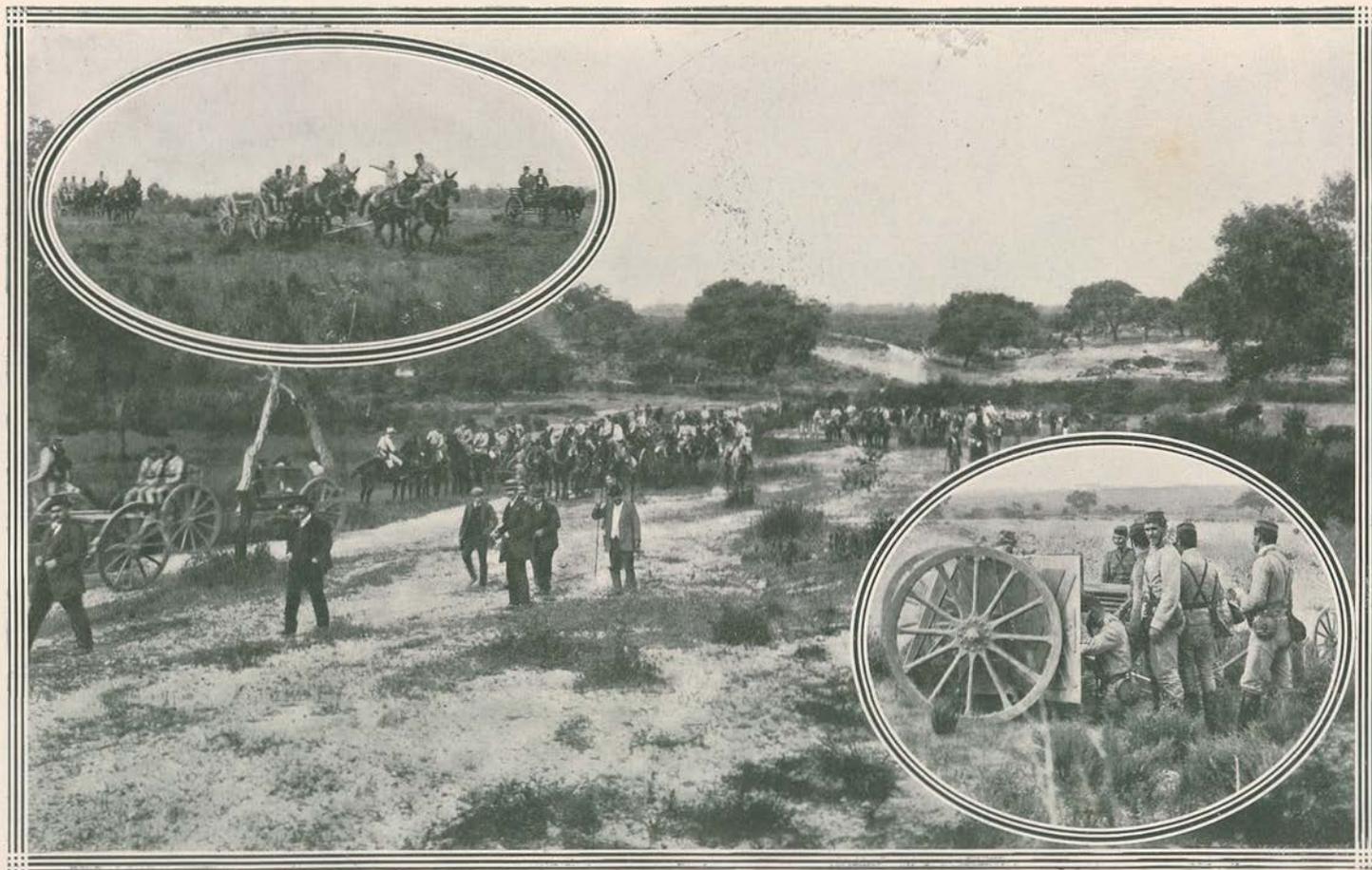


4—Um trecho de New York

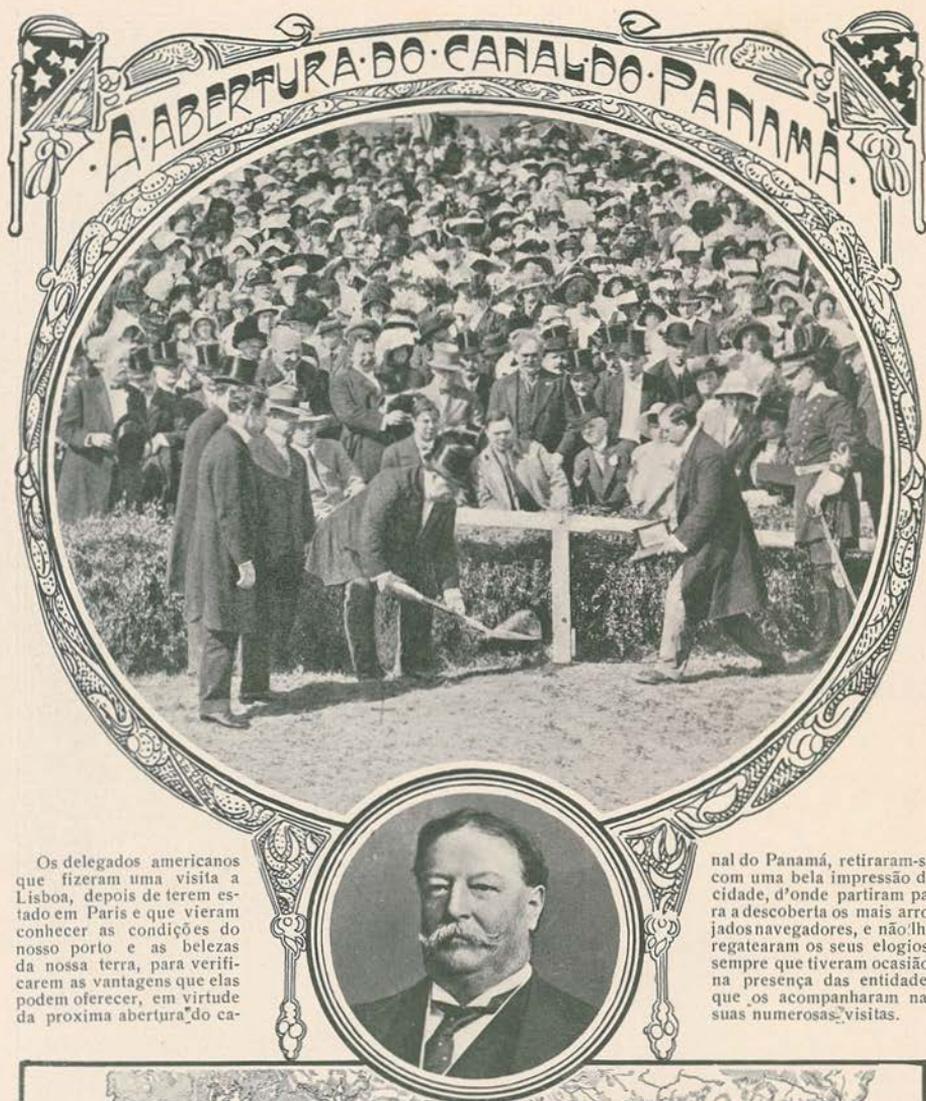
# Os exercicios da guarnição do Porto



1—Exercício de tiro de artilharia 6 em Lavadores, Gaia. 2—A' hora do rancho. 3—Exercícios na Serra do Pilar. 4—Infantaria 6 e 18 presenciando os exercícios de artilharia—(Glicês David B. da Silva)



1—Os exercicios d'artilharia 3 em Muge: Evoluções da bateria. 2—Exercicios de fogo 3—Uma peça em fogo—(Clichés do sr. Sequeira Roque)



Os delegados americanos que fizeram uma visita a Lisboa, depois de terem estado em Paris e que vieram conhecer as condições do nosso porto e as belezas da nossa terra, para verificarem as vantagens que elas podem oferecer, em virtude da próxima abertura do ca-



nal do Panamá, retiraram-se com uma bela impressão da cidade, d'onde partirão para a descoberta os mais arrojados navegadores, e não lhe regatearam os seus elogios, sempre que tiveram ocasião, na presença das entidades que os acompanharam nas suas numerosas visitas.



1—O presidente Taft tirando a primeira pedra das obras do Canal do Panamá. 2—O presidente Taft.  
3—Mapa do Canal do Panamá.

# OS DELEGADOS AMERICANOS QUE VIERAM CONVIDAR PORTUGAL A FAZER-SE REPRESENTAR NA EXPOSIÇÃO DE S. FRANCISCO

Os delegados americanos não se limitaram a vêr as belezas naturais da cidade. Foi-lhes oferecido um passeio nos arrabaldes o mais pitoresco que se pôde imagi-

nar. Dentro do tempo de que dispunham mais interessante excursão não se podia determinar. D'este modo eles ficaram sabendo o genero de belezas naturais de que

dispõe o nosso paiz. Toda essa linda região de Cintra, Colares, a varzea passou diante dos seus olhos e n'essa formosa vivenda de Monserrate passaram os agradáveis momentos que a magnifica residencia, com os seus jardins e os seus parques



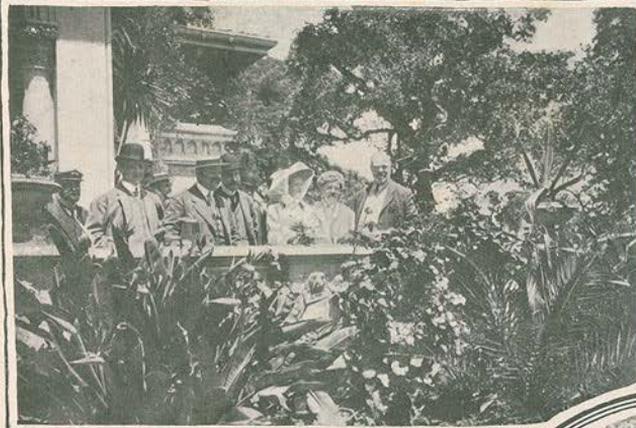
1—O almirante Stanton a caminho de Belem. 2—O general Clarence Edwards á entrada do palácio de Belem. 3—O general Clarence Edwards, da missão americana á saída do palácio de Belem. 4—A missão americana e os diretores da Sociedade de Geographia na sala Portugal, entre o sr. dr. Augusto de Vasconcelos e dr. Bernardino Machado e o sr. Ruben Brookes Hall, presidente da missão.



*Os delegados da America, em Lisboa*

Da esquerda para a direita: em pé: sr. Teodoro Hardel, dr. Celestino d'Almeida, almirante Stanton, Henrique de Mendonça, Ruben Brooks Hale, presidente da missão; marquez de Stempel e Torricella, general Clarence Edwards, tenente-coronel Alberto da Silveira, capitão Eça d'Almeida, capitão-tenente Souza Dias, ministro da America, dr. Bernardino Machado. Sentados: dr. Sidonio Paes, ministro das finanças; Anselmo Braamcamp, presidente do Senado; ministra da America: dr. Augusto de Vasconcelos e dr. Antonio Macleira.

# O PASSEIO A MONSERRATE



1—Os srs. viscondes de Monserrate e alguns convidados no terraço da residência

vastos pôde proporcionar. Os srs. viscondes de Monserrate foram encantadores de gentileza para com os excursionistas, entre os quaes se encontravam o presidente do governo e o ministro e ministra da America.

No palacio da Pena demoraram-se tambem algum tempo partindo depois para Cascaes, tendo visitado a Boca do Inferno emquanto o aviso de guerra 5 d'Outubro que os devia conduzir no passeio pelo rio fazia as suas manobras para atracar.

Dentro em pouco os emissarios americanos estavam a bordo.

Nas alturas da Parede foi servido o almoço na camara do comandante, o capitão-tenente Stokler, um dos officiaes revolucionarios, brindando o almirante Stanton pela armada portugueza a que respondeu o ministro da marinha.

Quando o av'ço entrou no quadro todos os navios o saudaram, desembarcando os americanos no posto de desinfeção e

partindo n'essa tarde, 8 de junho, pelo *Sud-Express* para Madrid, sendo a sua despedida muito vitoriosa assistencia que enchia a gare do Rocio.

Os delegados da America confessaram o seu entusiasmo pelas belezas do nosso paiz.



2—O passeio a Monserrate: Os viscondes de Monserrate e o ministro e ministra da America. 3—O ministro da America, o presidente da missão americana e o visconde de Monserrate. (Clíchés Benoliet).

# O PASSEIO A CASCAES



1—Na Boca do Inferno: O presidente da missão americana. 2—A bordo do «5 d'Outubro»: os convidados. 3—Na baía: os convidados a bordo do «5 d'Outubro». 4—Na ponte do «3 d'Outubro»: O presidente do governo e o ministro da America. 5—O presidente do governo e alguns convidados á volta da Boca do Inferno—(Clíchê de Benolle)

# A OPERA NOVA DE PUCCINI

A companhia italiana do teatro de Monte-Carlo apresentou-se agora em algumas recitas na Opera de Paris. Foram recitas de gala, em beneficio de obras de caridade. E ainda bem! Porque seria doloroso pagar cada fauteuil a 55 francos para atulhar d'oiros as algibeiras d'um empresario. Assim, d'esta feita, a exploração do snobismo incomensuravel e inexgotavel d'aquilo que, em elegante cação, se chama o 'Tout-Paris' serviu para acudir a algumas desventuras, e em cada um dos momentaes bilhetes que o 'guichet' da Opera distribue, de baixo da menção dos preços fabulosos poder-se-hia dizer, como as historicas pegas eternamente dizem no teto do palacio real da nossa Cintra: — «por bem...

Constituíram esses espectralos as operas «Metistofeles», «Barbeiro de Sevilha», «Rigoletto» e «La Fanciulla del West», cantadas pelo grande Caruso, pelo novel e brilhante Smirnofi, pelo eminente Titta Ruffo, pelo extraordinario Chaliapini, e por mais toda uma «troupe» composta do que ha hoje de melhor nos palcos italianos ou nas suas ricas sucursaes de New-York. D'essa companhia, de que uma excelente orquestra e uns admiraveis còros faziam parte, não haveria senão que dizer bem, ainda que isto fòsse um artigo de critica. Mas n'uma simples noticia de informação não cabe mesmo a



serie de considerações qua a audição das tres operas conhecidas de publico de Lisboa porventura poderia sugerir-me. Apenas me parece interessante para os numerosos amadores da musica neo-italiana dizer-lhes o que é a nova produção do celebrado e discutido autor da «Bohème», da «Tosca» e da «Manon Lescaut».

Puccini faz-nos v'iajar. Da outra vez levou-nos ao Japão; d'esta conduz-nos a plena California. E' na epoca das primeiras companhias de exploração mineira, em 1856, quando os trabalhadores perseguiam os bandidos que os cercavam em busca da presa mais facil do seu oiros. A lei é representada por um xerife, Jack Rance, creatura ciumenta, brutal e rancorosa: mas a concordia, a paz, a felicidade teem por guarda uma rapariga, Minnie, que foi para ali levada em pequenina pelos seus rudes companheiros, que é como que sua filha e sua irmã, que tanto vela pelas suas almas, ensinando-lhes doutrinas de bondade, como pelos seus ganhos acumulados dia a dia e escondidos na «polka» em que ella habita.

E' n'essa especie de albergue, sala comum de jogo, de dansa e de bebida, que decorre o primeiro acto. Conversas, cantos, dansas, risos, disputas, uma «quête» em beneficio d'um companheiro que, succumbindo ao peso das saudades, se quer repatriar, e—caso mais grave—uma briga, quasi fatal, entre o mineiro Sonora que ama Minnie até ao sa-



1—O maestro de Puccini. 2—Uma cena do 3.º acto da Fanciulla del West

crifício e o xerife que a quer possuir... Mas o coração de Minnie é ainda livre, embora assim não deva ficar por muito tempo. Desde que aparece Johnson, um estrangeiro que passa e que pede a hospitalidade d'uma noite, o ciúme do xerife adivi-



com o xerife, e trapaçaria para ganhar. Rance, que na partida empenhara a sua honra, sae praguejando.

O terceiro ato passa-se em plena floresta californiana. Johnson, curado, conseguiu fugir. O xerife, escravo da sua palavra, não o



nha o inimigo e quer amotinar os mineiros contra ele. E' preciso que Minnie afirme conhecê-lo e faça com que entre todos dentro e o pouco reine uma cordalida-de perfeita. Porque afinal ninguem ali suspeita de que Johnson não seja outro senão o bandido Remerrez cuja cabeça está a preço. Apesar de que os olhos de Minnie fizeram o milagre de regenerar esse malfeitor terrível. Desde que a viu, Remerrez não pensou mais no ouro dos mineiros, mas apenas no amor que sente apossar-se de si.

Segundo ato. Minnie e Johnson amam-se. Recebe-o, alla noite—terrível noite de vento e neve—em sua casa. Os mineiros vem procural-a; ela esconde o amante; eles advertem-na de que o bandido foi visto perto d'ali e o xerife explica-lhe que ele não é outro senão o viajante que viera pedir poisada. Minnie contem-se; deixa-os sair; mas, logo depois, na presença de Johnson, que debilmente se defende, a sua indignação explode. Repele-o; ele sae; e logo se ouve um tiro. Minnie, n'um impulso de piedade..

perseguiu; mas, se o trouxer-m, fará justiça. N'esta altura a cena oferece um aspeto lindo de vêr: todo o encanto d'uma manhã erguendo-se na floresta. Os mineiros passam a cavallo correndo em busca do bandido. Por fim, eil-o que aparece, ligado de pés e mãos. Ha gritos de morte; agridem-n'o com violencia; vão entorcal-o. Ele só pede, como derradeira graça, que não falem da sua morte a Minnie. Mas é ella mesma que aparece, correndo, no momento em que a corda já cerca o pescoço do bandido.

Apesar das instigações de Rance, ninguem tem coragem de proseguir no castigo, ante as supplicas de Minnie. Ella sabe falar ao coração de todos e todos afinal se despedem d'ella chorando, emquanto a vêem partir com o malfeitor—para todo o sempre, pelo amor, regenerado.

Na Opera de Paris o papel de Johnson foi desempenhado por Caruso, o de Minnie por uma excelente atriz e cantora, Poli-Randaccio, o de Rance, primeiro por Titta Ruffo e de-



1—Caruso. 2—O baritone Borghèse. 3—A prima-dona Poli Randaccio. 4—Caruso, na *Fanciulla del West*. 5—Uma cena do 2.º ato da *Fanciulla del West*

e de amor, abre a porta e recolhe-o ferido. Mas alguém se aproxima e ella apenas tem tempo de esconder no entresolho, antes de abrir a porta a Rance que vem procurar o ferido, aproveitando a ocasião para renovar as suas propostas d'amor. Minnie repele-o. Mas uma gota de sangue que cae do teto revela a presença do ferido, que logo aparece semi-morto e desmaia. Minnie joga então a vida d'ele, ao «poker»,

pois por Borghèse. Ha quem diga que os prodigios naturalistas da «mise-en-scène» e o brilho, verdadeiramente extraordinario, da interpretação li-vraram a nova puccinada d'um tombo colossal. Não creio. Quer cantada maravilhosamente por Caruso, quer executada n'uma associação de soldo, aquella musica tem sempre adoradores...

Paris, junho de 1912.

R. DE C.

# EM FAVOR DAS CRIANÇAS

NAS ESCOLAS PAROQUIAIS D'AJUDA E DE S.<sup>TA</sup> CATARINA



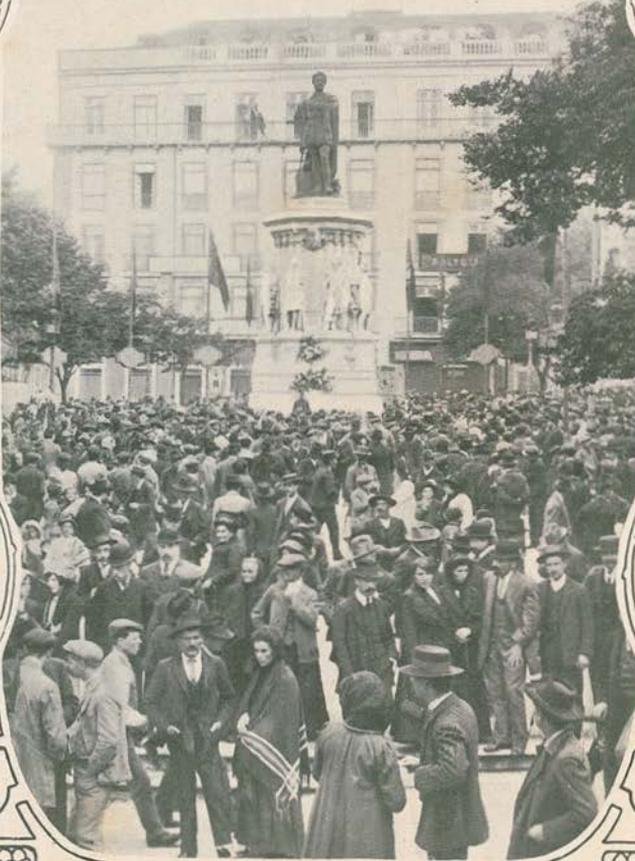
1—O jantar ás creanças na escola d' Ajuda

As juntas paroquiaes de Lisboa começaram por fazer uma obra de proteção á infancia com as suas cantinas e logo o exemplo foi seguido nas escolas havendo hoje, em quasi todas, a assistencia aos pequenitos que as frequentam e para os quaes se realisam festas como as que se fizeram ha dias em Ajuda e em Santa Catarina.



2—Em Ajuda: Depois da festa 3—A comissão promotora da festa em Ajuda  
4—No asilio de Santa Catarina: As creanças.

# EM DIA DE CAMÕES



A multidão diante da estatua do épico

(Cliché Benolle)

10 de junho é o dia em que se celebra Camões e n'essa conformidade estava preparado um cortejo das creanças das escolas de Lisboa, que não se pôde realizar em vista do mau tempo. Apesar de tudo, algumas coletividades foram deixar flôres no pedestal da estatua do épico que durante o dia esteve sempre rodeada de povo. A' noite devia realiçar-se um concerto por uma banda de musica no coreto erguido no largo, mas ainda a chuva obstou á festa.

Em diversas agremiações tambem se celebrou com conferencias essa data, sendo no centro Latino Coelho, comemorada com uma distribuição de fatos a duzentas e cincoenta creanças e no Ateneu com uma brilhante sessão solene, inaugurando-se uma nova associação de proteção ás creanças intitulada *Flôres de Bemfica*, tudo em homenagem a Camões.



A Tuna-orquestra da União dos empregados de Comercio do Porto, que tem realizado-brilhantes concertos no porte e de que é regente o sr. F. Pinto de Queiroz

# AGREVE DOS ELETRICOS

A greve dos electricos não achou solução rapida como seria de esperar. O conflito arastou-se. Lisboa apresentou então um aspêto cheio de pitoresco é certo, mas d'um pitoresco que era a expressão do trans-torno.

Carros de todas as especies, desde as velhas diligencias ru-raes aos automoveis particula-res, passavam nas ruas. A' Bai-xa só desceram aqueles cujos afazerem em abso-luto, para ali os chamavam. Os estabelecimentos não tive-



1—O sub-chefe do movimento sr. Barros, tirando a correspondencia da caixa da estação, na qual havia ofrecimentos de muitos empregados para entrarem ao serviço



2, 3 e 4—Alguns dos homens que se ofereceram para serem empregados e que tiveram de sair da estação guardados pela tropa, a fim de se salvarem dos grévistas

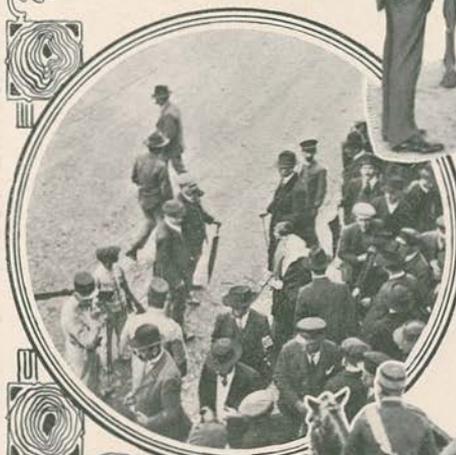
ram freguezia e as senhoras não se atreveram a percorrer as ruas com receio d'aquelles estravagantes meios de trans-



porte e da fôrma porque era feita a condução nos automoveis. Era a montão.

Para os espêtaculos as familias alugavam os carros que as conduziam dos bairros distantes, tornando, porém, diminuta a concorrência e prejudicando enorme-

Parecia que a Baixa se limitava aos seus moradores como que ganharam as lojas dos bairros distantes como os carros de fôra do concelho, as velhas mala-postas e até as galeras de transporte se fartaram de dar lucros



2—A guarda republicana contendo o povo em Santo Amaro

3—Aspêto da grêve: um carro do Chora, assaltado por populares que desejavam ser transportados.

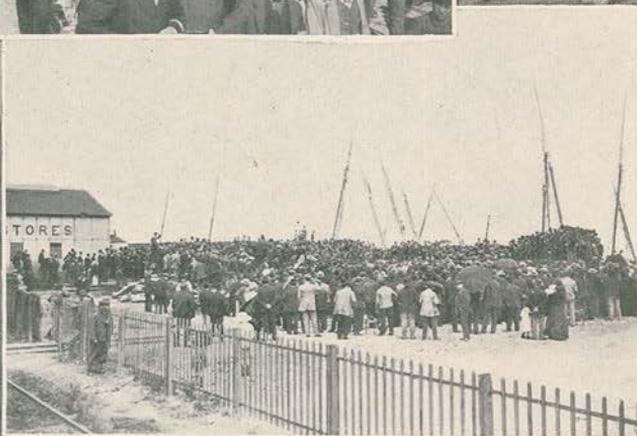
mente o comercio. Sobretudo á noite, e sobretudo nos domingos, a cidade tinha o ar desolado. Parecia imersa em trevas que nunca mais se afastariam. Só as luzes dos cafés abriam clareiras n'aquelle negrume. Os electricos com as suas lampadas, com o seu retinir de campanhas, com o seu movimento, com a sua vida, faziam uma grande falta. A freguezia diminuiu em restaurantes e casas de pastos.



aos seus proprietarios. O pessoal grévista reuniu-se n'um comicio em domingo 8 de junho no Terreiro do Trigo e, depois de varias considerações, deliberou solicitar que o governo ou a Camara Municipal tomem conta da exploração da viação em Lisboa, sendo rescindido o contrato com a companhia, que deliberou paralisar *sine die* as suas transações. Assim collocados frente a frente n'uma deploravel inercia fica-

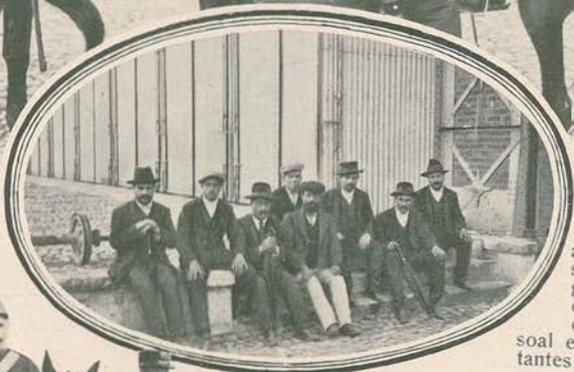


1—Um oficial da guarda republicana em Santo Amaro. 4—Patrulhando as ruas em Santo Amaro. 5—Povo e grévistas em Santo Amaro



1—Depois do comício: A desfilada ao som da *Internacional*. 2 e 3—Aspêtos do comício do Terreiro do Trigo

ram os grévistas e a companhia que da sua direção de Londres recebeu ordens positivas para não atender as reclamações dos em-



pregados que julgava exageradas.

Primeiro

anunciara a admissão dos antigos guardas freios e condutores, assim como de pessoal estrangeiro. Bastantes indivíduos se

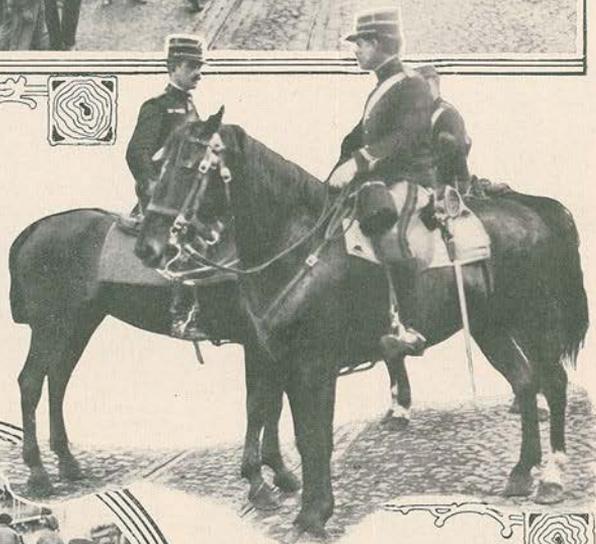
1—Oficiais da guarda republicana de cavalaria e infantaria, no local dos tumultos. 2—Alguns que se foram oferecer à companhia fechados na estação com receio dos grévistas



3—Antes da carga. 4—Na rua da Crèche, depois dos tumultos: Embainhar espadas



foram oferecer ás estações d'Alcantara e do Arco do Cego, mas os grévistas provocavam-nos e era entre fileiras da guarda republicana que eles saíam. Por fim acabou-se a inscrição e tudo socegou. Diante das estações apenas as comissões vigiavam, bem como proximo do edificio da fabrica geradora da electricidade que dia e noite foi atentamente guarda-



1—A' esquina da rua Luiz de Camões, diante da estação de Santo Amaro: grévistas e povo. 2—Os officinas da guarda republicana, diante da estação de Santo Amaro. 3—Os individuos que se offerciam para substituir o pessoal em grève, saindo da estação entre soldados, a fim de não serem espancados. (Clichés Benolle)

da, a fim de se saber se as maquinas seriam postas em movimento por outro pessoal.

A associação de classe conserva-se em sessão permanente, tendo os grévistas recebido alguns donativos assim como o apoio moral de algumas associações operarias. Na casa geradora dois engenheiros trabalham com os acumuladores afin de não se estragarem.



# A Romaria do Senhor da Pedra



A do Senhor da Pedra fez-se como em todos os anos tendo uma enorme concorrência.

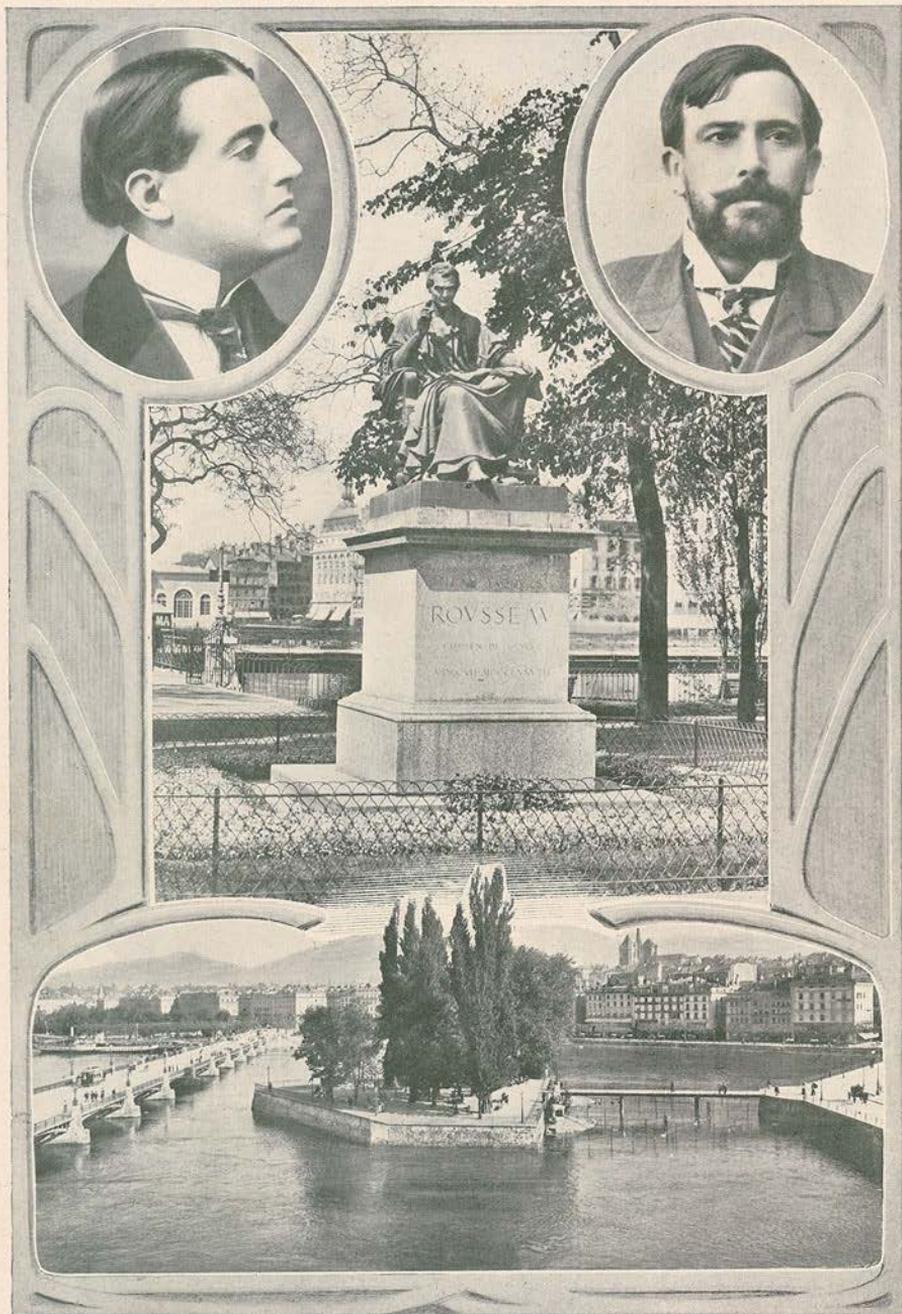


Não acaba a tradição. Por toda a provincia continuam as romarias com o mesmo cenario de sempre com as suas transações e os seus devotos.



1—Capela do Senhor da Pedra 2—Osromeiros à beira mar 3—Diante da capela 4—No meio do pinhal: as merendas

# FIGURAS E FACTOS

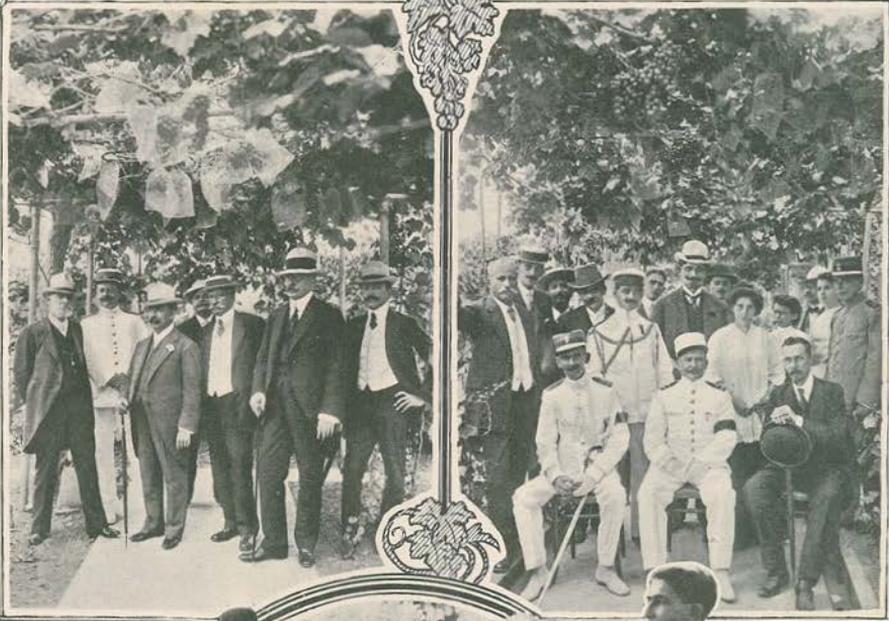


1—O ator Simões Coelho, que foi nomeado professor do Conservatório de S. Paulo. 2—O illustre escritor João Grave, autor do romance *Gente Pobre*. 3—O bi-centenario do nascimento de Rousseau, va-se celebrar em Genebra a 28 de Junho: O monumento do filosofo. 4—A ilha de Rousseau em Genebra

# UMA VINHA MODELO NO RIO DE JANEIRO

O sr. Manuel Gonçalves Correia, depois de 10 anos de tenazes esforços, conseguiu aclimar na sua chacara, em plena zona urbana do Rio de Janeiro, a 20 minutos da Avenida Central, isto é, do coração da cidade, as mais finas qualidades de uvas europeias, constituindo um vinhedo modelo que contém mais de 1:500 pés com oitenta e tantas variedades.

E' este o desmentido mais eloquente que se pôde oferecer aos pessimistas que pre-



tendiam que no Rio de Janeiro não se podia obter senão a uva de qualidade inferior que em pequenissima quantidade se cultiva para casa.

O sr. Manuel Gonçalves Correia deve estar satisfeito com o resultado obtido pois recentemente, depois das sucessivas visitas dos srs. Presidente da Republica Brasileira, ministro da Agricultura, sr. General Prefeito do Distrito Federal e de inumeras pessoas gratas que ali foram atraidas pelas noticias elogiosas de toda a imprensa, foi-lhe conferi-

2—o presidente da Republica com o sr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores e a sua comitiva no vinhedo. 3—o general Bento Ribeiro, prefeito do Distrito Federal, na vinha do sr. Manuel Gonçalves Correia, onde esteve saboreando as mais belas qualidades d'uvas

1—o ministro da agricultura, sr. Pedro Toledo, com o chefe do Estado, na vinha do sr. Manuel Gonçalves Correia

do pelo ministério da Agricultura, como recompensa á sua tenacidade, e muito merecidamente, o premio de animação de 5 contos de réis brasileiros.

As nossas fotografias reproduzem aspectos das tres mais importantes visitas ultimamente feitas ao vinhedo admiravel do sr. Correia.

# O concerto de Julio Cardona na ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



Julio Cardona é o artista exímio que tanto tem conseguido impôr-se no nosso meio musical como violinista excelente e magnifico pianista.

Tem numerosos discipulos, cujos progressos se marcam d'uma maneira admiravel nas audições em que se apresentam, como succedeu hadias no concerto realisado no salão da «Ilustração».

1—Sr. Julio Cardona. 2—D. Mery Bensimon, pianista. 3—Madame Cardona, pianista. 4—D. Ilda Pereira da Silva, violinista. Das suas discipulas destacaram-se as sr.<sup>as</sup> D. Henriqueta Lopes, que tocou a sonata de Mozart, D. Ilda Pereira da Silva, que tocou no violino «Ambrosio e Dradi» e D. Maria Salgueiro, que brilhantemente se evidenciou. Tambem os srs. Tanqueiro, Antonio Silva, Romulo Aneda e Acacio de Faria contribuíram com boas execuções para o resultado d'essa reunião d'arte. No piano executaram com maestria o «Impromptu», de Schubert, a sr.<sup>a</sup> D. Laura Cardo-

na e o concerto de Mozart, a sr.<sup>a</sup> D. Mary Bensimon, tocando madame Cardona o 1.<sup>o</sup> tempo do «Concerto» (op. 21), de Chopin, com muito talento.

Uma pequena orquestra de arcos e órgãos



acompanhou estes dois últimos concertos, dando uma excelente impressão. Todos os executantes receberam os maiores aplausos, assim como o distinto violino Julio Cardona.



1—Sr. Acacido Faria, violinista. 2—Sr. Romulo Anésia, violinista. 3—Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lidma Salgueiro, violinista. 4—Sr. Antonio Silva, violinista. 5—Sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Lopes, violinista. 6—Sr. Antonio Tanqueiro, violinista. 7—Sr.<sup>a</sup> D. Laura Cardona, pianista.

# ○ juramento de bandeiras na Armada



1—O ato do juramento. 2—O ajudante do corpo proferindo a alocação

A armada é um dos corpos de mais brilhantes tradições.

E' desde ha muito, sem que o exercito se moleste, ele tambem é querido, o contingente preferido pelo povo.

A multidão liga ao marinheiro talvez uma idéa aventureosa, incarna n'ele um resto d'esse passado de que todos nós sofremos e com que sonhamos: a descoberta, a conquista que nos fez grandes e nos enfraqueceu ao cabo das vitórias como um corpo que perdesse muito sangue e não tivesse de o recuperar. Ficou, po-



3—O Presidente da Republica e o ministro da guerra no quartel da marinha. 4— Os exercicios na parada 5—Um trecho da assistencia no pavilhão

rém, a tradição brava que o marujo, mais do que nenhum outro militar, representa. Durante as épocas de paz era ele que ainda conservava a fôrma guerreira. Quan-



sar a infantaria, a cavalaria, a artilharia, eletrisada e satsifeita, saudando-as por vezes com palmas, mas é a marinha

do vitoriosamente os exercitos se batiam, ele, com bravura, auxiliava a sua ação pelo mar. Para as expedições longinquas não deixavam de ir forças da arma-

que ela segue até ao quartel, ao som da sua banda.

Se as festas do juramento to de bandeiras nos regimentos mereceram os maiores louvores, as que se reali-

da, companhias de desembarque que, com os soldados, d'uma brilhante maneira cooperavam. No Brazil o povo adora o seu querido batalhão naval; cerca-o, a plaudes, canta-lhe louvores. Em Portugal é a marinha que merece essa fanática admiração. Em dias de parada respeitosa-mente a multidão vê pas-

saram no quartel de marinha também d'elles foram dignas não só pela fôrma porque se fizeram os exercicios, mas tambem pela imponencia que revestiram.

A parada do quartel, que nos dias da revolução se encheu de populares armados, teve d'esta vez uma assistencia gracil de senhoras nos pavilhões que

1—O desarmar das tendas 2—Outro aspeto do desarmar das tendas. 3—O presidente da Republica e o ministro da marinha á saída do quartel. 4—Esgrima de baioneta. 5—O ato do juramento. 6—Os instrutores dos recrutas



se armaram e d'onde presenciaram as provas dos recrutas e todas as formalidades do juramento de bandeira, nas quaes esteve o chefe do Estado, os ministros da guerra e da marinha, assim como um grande numero de officiaes superiores da armada.

Com os seus grandes uniformes os recrutas formaram, fizeram as continencias aos dignitarios e depois ouviram lér o discurso do ajudante do corpo, tenente Ferreira de Souza, que lhes disse ser um dever servir a Republica, o regimen da moralidade implantado em 5 de outubro e em cuja vitoria teve um grande papel aquella unidade a cuja bandeira juravam fidelidade.

O comandante do corpo de marinheiros falou tambem ás praças, avançando então um guarda-marinha com a bandeira, faz-se o juramento e todas as companhias desfilarão marcialmente diante da tribuna do chefe do Estado, ao som da *Portuguezza*, recolhendo depois ás casernas.

Pouco depois começaram os exercicios desportivos e os militares, constando estes de esgrima de baioneta feitos por tres pelo.



tões e outros de tática aplicada por cento e quarenta homens, dirigidos pelo tenente instrutor sr. Tavares da Silva.

A parte desportiva foi



1—Toque de sentido. 2—O armar das tendas. 3—O jurí das provas desportivas, presidida pelo ministro da guerra. 4—O desfile da brigada 5—Os vencedores das provas desportivas. (Clichés Benoitel)

tambem brilhantissima, fazendo-se luta de tração, lançamento de bala e corridas de velocidade. Houve tambem assaltos de luta greco-romana e exercicios de ginastica sueca, sendo distribuidos premios aos vencedores, terminando a festa com um copo d'agua oferecido pelos officiaes aos seus convidados.

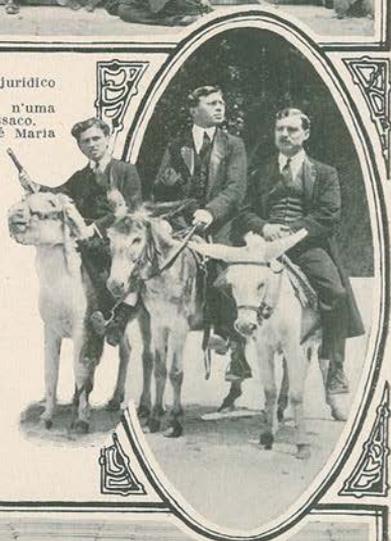
# FIGURAS E FACTOS



1—Curso do 3.º ano Juridico de 1911-1912.  
2 e 3 — Quintanistas n'uma burricada no Bussaco.  
(Cliches do sr. José Maria dos Santos)



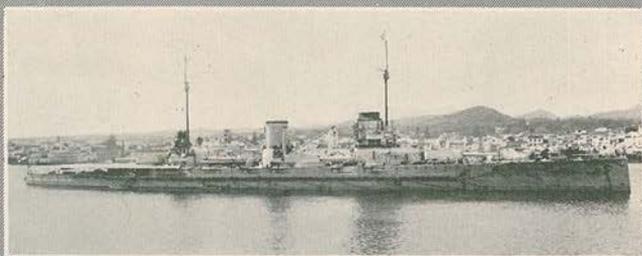
O curso do quinto ano juridico, depois da sua recita interessante e pitoresca, rea'lizou um passeio ao Bussaco onde reinou sempre a maior alegria e onde houve o mais indiscritivel entusiasmo.



4—Na Faculdade de Medicina de Lisboa: O sr. professor Henrique de Vilhena com os assistentes srs. Drs. José Larangeira e Rita Martins e parte do curso de anatomia



1—Dr. Candido de Figueiredo, autor do livro «Extrangeirismos» 2—Madame Louise Andigé Terra, esposa do illustre arquiteto Ventura Terra, ha dias falecida; 3—Dr. Henrique de Vasconcelos, autor do livro «O Sangue das Rosas»



4—O grupo de «foot-ball» academico de Santarem: 1.º plano (sentados da esquerda para a direita) srs. Albano Coelho, Afonso Monteiro, Lourenço de Matos, João Calado e João d'Albuquerque. 2.º plano: Em pé: srs. José Marques, Casimiro Waddington (captain), José Varela (goal keeper), João Lopes, Mendes de Brito e Valdez Bandeira. 5—Um dos maiores navios de guerra do mundo: O cruzador alemão «Moltke» de 23.000 toneladas com 1018 praças de guarnição, em Ponta Delgada—(Clichê do sr. Henrique Pereira da Costa) 6—A menina Eulália Valente d'Almeida que fez uma dissertação no Liceu Maria Pia intitulada «A conquista do ar».